

Etnocentrismo, racismo e preconceito

Nesse texto, você terá a oportunidade de rever as idéias que circulam à sua volta a respeito de racismo. Será que o conceito de racismo que você conhece “se mantém por repetição, ignorância e preconceito”, como diz esse texto?

Todos os povos têm tendência a afirmar que o seu modo de vida é melhor, mais correto ou, no mínimo, mais interessante do que o de outros povos. Isto é absolutamente normal e compreensível, na medida em que nós gostamos daquilo que aprendemos a gostar – e aquilo de que aprendemos a gostar é o que nos é oferecido como comum, correto, bonito em nosso contexto imediato. É o que revela uma música muito popular, “[Narciso acha feio o que não é espelho](#)”. Pois bem, todas as culturas e todos os povos são [narcisistas](#), um pouco mais ou um pouco menos. Até certo ponto, é este fato que lhes garante as condições para continuarem a existir



do modo como existem. O nome que damos a esta tendência é [etnocentrismo](#): um jeito de ver o mundo no qual um determinado povo (etnos) está no seu centro geográfico e moral, ponto a partir do qual todos os outros povos são medidos e avaliados. O etnocentrismo chega mesmo a dizer que os limites do humano são os limites daquele povo. Exemplo disto é que boa parte dos nomes que os povos se auto-atribuem significa, em suas respectivas línguas, expressões como *os bons*, *os humanos* etc., o que pode ser encontrado na nossa linguagem cotidiana. Não é verdade que quando nos referimos a um conjunto qualquer de

(...) as diferenças não existem em função do isolamento dos povos, mas da combinação particular que cada povo fez e faz dos elementos que retira do contato com outros povos.

peças no qual nos incluímos, nós falamos “a gente”? Pois bem, “a gente” é uma expressão que resulta da contração de a + gente, ou seja, aqueles que são gente. Há, portanto, uma tendência muito antiga e profunda em nosso pensamento de naturalizar as diferenças.

Quando esta expressão foi inventada, ela serviu para descrever o comportamento de povos relativamente homogêneos, mas de fato muito diferentes entre si, tentando lidar assim com o estranhamento que o outro lhe causava, isto é, o estranhamento em relação à imagem que não é

espelho. Nesse contexto, como nos conta tanto a história antiga quanto a [etnologia](#), os encontros entre esses povos eram realizados com grandes cuidados, quase sempre por meio de rituais – de comércio, de troca de esposos e até mesmo de guerra. Esses rituais

permitted a controlled, ceremonious and always done in the same way, to minimize to the maximum the risks of misunderstandings brought by the difficulty of comprehension of one in relation to the other. And thus, through them, over the course of all of human history, the more diverse peoples maintained contacts and exchanges, taking advantage of the good things that they found in each other. So, as differences do not exist in function of the isolation of the peoples, but of the particular combination that each people made and makes of the elements that it takes from contact with other peoples.

But what happens when the context changes and in the place of these relatively homogeneous but separated peoples a connected world arises through various forms of communication and where migration of populations occurs? What happens when the mixtures of peoples occur? Ethnocentrism cannot be more than what it was. However, the tendency to naturalize differences does not disappear; on the contrary, it assumes other forms, but now with the enormous disadvantage of serving to control not the relationship with the distant, but the relationships within the interior of the same society. One of these forms, perhaps the most perverse among them, is **racism**.

Racism is a doctrine that has already reached the status of scientific theory, but that continued to prevail as common sense even though it was widely contested by contemporary science. It is necessary to remember that when we speak of *doctrine* we are referring to the type of knowledge that sustains religious, political or even philosophical systems, but that opposes the idea of science by not being based on scientific proof, but on the repetition of what has been learned. Evidently, the proper scientific knowledge has a history and, for this reason, some "scientific theories" of the past are contested by contemporary science.

(...) uma das características do racismo é justamente ser uma doutrina, ou seja, um tipo de conhecimento que se mantém por repetição, ignorância e preconceito, mas que guarda pretensões de se apresentar como conhecimento objetivo, supostamente sustentado na natureza das coisas.

The fact is that (as we saw in the Module Relationships of Gender), from time to time, there are studies supported by these "theories" that seek to justify the inequalities between men and women – boasting that men have neurons more, or that they have neurons less than women.

When one of these old theories remains prevailing in the form of common sense by the pure force of repetition, or by ignorance of scientific advances, or by **preconceito**, it also becomes a doctrine. Thus, one of the characteristics of racism is precisely to be a doctrine, or to be, a type of knowledge that maintains itself by repetition, ignorance and prejudice, but that guards pretensions of presenting itself as objective knowledge, supposedly sustained in the nature of things.

It is impossible to understand racism without making reference, even if very quickly, to the relationship that in its origin it

mantém com dois fatos históricos de enorme importância: a afirmação da **ciência positiva** contra as teorias religiosas na explicação da origem e das diferenças entre as pessoas humanas; e a expansão colonial europeia que, por meios militares, religiosos e comerciais, dominou grandes extensões de terras ultramar, onde habitavam povos com culturas e aparências físicas muito diferentes daquelas dos europeus. Reconhecer isto implica perceber a estreita relação que existe entre saber e poder, assim como considerar o racismo um dos mais indignos produtos de tal relação.

O racismo deriva do racialismo, antiga doutrina protocientífica que afirmava que as diferenças biológicas existentes no interior da espécie humana eram grandes o bastante para diferenciarem raças com qualidades psicológicas, intelectuais ou de caráter distinto.

Até inícios do século XIX, o termo raça era pouco usado, sendo sinônimo de *linhagem*, e servindo para expressar a idéia de que as nações europeias derivavam, de forma mais ou menos direta, de antigas tribos, tais como os saxões, os bretões, os letões etc. Ao longo deste mesmo século, porém, o termo raça foi se afirmando à medida que o conhecimento sobre as espécies animais passou a servir de plataforma para alguns pensadores estenderem as teorias biológicas e evolucionistas, as quais foram criadas para explicar as diferenças entre as espécies animais, em direção à espécie humana.

Note-se que este movimento não foi, em si, negativo, pois libertou o pensamento científico das amarras religiosas que impediam que ele se voltasse para a explicação de aspectos da anatomia e da evolução de homens e mulheres, a pretexto destes terem sido feitos à imagem e à semelhança de Deus, e possuírem alma.

O racialismo só se converteu no racismo que conhecemos hoje quando tais teorias passaram a ser usadas não só para tentar explicar as diferenças biológicas, anatômicas ou de simples aparência física, mas também para associá-las a outras diferenças, basicamente de caráter moral. Estas últimas se manifestariam por meio de diversidades sociais e culturais, como as que existem entre as classes no interior de uma mesma sociedade, ou as que existem entre os europeus e os povos que estes colonizaram na África, na Ásia e na América.

A “ciência positiva” é um tipo de conhecimento e, ao mesmo tempo, uma força social. Ela se constrói como ciência ao substituir a fé e a repetição doutrinária pelos experimentos científicos, mas também por acreditar ser possível estabelecer leis gerais de funcionamento para todo e qualquer processo físico, químico, biológico, fisiológico e, depois de meados do século XIX, também sociológico. Impulsionado por esta premissa, o homem e a mulher modernos (em geral, apenas o homem) puderam submeter praticamente tudo a inquéritos científicos, o que teve um grande impacto não só no acúmulo de conhecimentos sobre o mundo material, mas também sobre as formas de intervenção e transformação nele efetuadas. Isto esteve na base, por exemplo, da chamada Revolução Industrial, e é neste sentido que a ciência positiva é também uma força social, impulsionando e sendo impulsionada pelas revoluções políticas e ideológicas. A Escola Politécnica, a primeira versão da Escola Normal Superior, a Academia Real, o Museu Nacional de História Natural foram todos criados em meados da década de 1790, produtos diretos da Revolução Francesa, que transformou a educação técnica e científica primeiro na França, e depois em toda a Europa e além-mar.

(...) a humanidade se encontrava irremediavelmente dividida em tipos raciais, e (...) esses tipos(...) não tinham as mesmas capacidades para “evoluir” culturalmente ou “progredir” socialmente.

Foi com base neste racismo que, na segunda metade do século XIX, a concepção religiosa cristã da irmandade entre todos os homens e mulheres e a concepção filosófica de que cada pessoa humana estava igualmente apta a “progredir” foram substituídas pela idéia de que a humanidade se encontrava irremediavelmente dividida em tipos raciais, e que esses tipos – em função de suas diferenças inatas e hereditárias – não tinham as mesmas capacidades para “evoluir” culturalmente ou “progredir” socialmente.

Estes dois importantes fatos históricos (o cientificismo e o colonialismo), que estamos associando diretamente ao racismo, são contemporâneos também de um terceiro, com o qual estão em relativa discordância: o **liberalismo**.

Depois da Revolução Francesa e da instituição dos parlamentos nos Estados nacionais unificados e reformados, impôs-se na sociedade ocidental moderna o modelo de ideologia política baseado no governo representativo, que se

A aplicação desigual do modelo político só poderia se justificar em razão de diferenças que estivessem para além da política, isto é, no plano da natureza. É neste ponto que o racismo ganha o seu novo e fundamental papel social e histórico.

sustenta no princípio formal iluminista da igualdade entre todas as pessoas humanas. Parte da auto-imagem de superioridade do povo europeu moderno vinha justamente da adoção deste modelo de organização social; entretanto, a sua dominação sobre os povos não-europeus e as formas de tratamento e de governo que mantinham em suas colônias estavam em gritante paradoxo em relação a este

mesmo modelo. A aplicação desigual do modelo político só poderia se justificar em razão de diferenças que estivessem para além da política, isto é, no plano da natureza. É neste ponto que o racismo ganha o seu novo e fundamental papel social e histórico.

O “liberalismo” é um termo que teve muitas acepções, mas que pode ser resumido aqui pela referência ao seu significado mais comum nos campos político e econômico. No campo político, ele nasceu como um movimento contra as arbitrariedades dos governos despóticos através da implantação das liberdades e dos direitos individuais e pela criação do Poder Legislativo que, sendo eleito pelo povo, tem por função criar tais leis e regular a ação do Poder Executivo. Esta ideologia política está na base da revolta dos barões contra o rei na Inglaterra, mas também na Guerra de Independência dos Estados Unidos contra o controle Inglês. Trata-se de uma ideologia política que, ao longo do século XIX, desenvolveu-se como uma filosofia centrada fundamentalmente no indivíduo e no individualismo. No campo econômico, por extensão, o liberalismo também defende a extinção de qualquer controle estatal sobre a economia, em especial contra todas as formas de tributação de oferta de serviços públicos, que seriam uma maneira de redistribuição de riquezas. Durante o século XX, porém, o liberalismo atenuou esta oposição às funções de redistribuição do Estado, como forma de regular as crises endêmicas e cíclicas do capitalismo.

Se até a primeira metade do século XX as teorias racialistas haviam sido alimentadas por razões políticas, na medida em que ajudavam a explicar as singularidades e as diferenças internas das tribos e, depois, as dos países europeus (estabelecendo entre uns e outros, é bom lembrar, uma linha de descendência natural por meio da idéia de linhagens), as relações

Da mesma forma que as mulheres eram consideradas diferentes e inferiores aos homens em sua própria natureza, incapazes de discernimento, não podendo por isso votar, os povos não-europeus, em função de suas incapacidades raciais, não teriam condição de autogoverno.

coloniais davam um outro estatuto a esta explicação. Diante do radicalismo das diferenças sociais e culturais encontradas no contato com os povos de ultramar, os europeus passaram a imaginar que as linhagens européias estavam separadas dos povos africanos, asiáticos e americanos também por uma diversidade biológica radical. Esta diferença, que passou a dividir o mundo entre brancos e outros povos de cor, servia tanto de explicação quanto de justificativa do domínio europeu sobre tais povos. Mesmo que os missionários conseguissem catequizar e converter os infiéis, isso já não era suficiente para torná-los iguais.

Da mesma forma que as mulheres eram consideradas diferentes e inferiores aos homens em sua própria natureza, incapazes de discernimento, não podendo por isso votar, os povos não-europeus, em função de suas incapacidades raciais, não teriam condição de autogoverno. Tais diferenças,

supostamente naturais, ao serem associadas a determinadas capacidades mentais e/ou de caráter, serviam como justificativa para a sua exclusão dos direitos políticos e sociais. O mundo estava separado não mais pela fé e pela cultura, mas pela própria natureza.

Este repertório racista de naturalização e justificção das desigualdades teve desdobramentos nefastos sobre as próprias sociedades européias e europeizadas. A composição entre o racismo e o avanço dos conhecimentos a respeito da genética humana levou à fundação da **eugenia**, ciência que teve início em fins do século XIX e que tinha por objetivo aplicar as teorias evolucionistas e da seleção natural ao aprimoramento biológico da espécie humana.

Com base na observação, por exemplo, de que os “estratos inferiores” da sociedade tinham mais filhos que as classes médias e altas, a eugenia postulava uma maior ou menor fertilidade desses estratos. A noção de raça servia, novamente, à naturalização das diferenças sociais, culturais e mesmo de classe social, implicando, por sua vez, a proposição de soluções que agissem também sobre os corpos dos indivíduos.

Como as qualidades dos estratos da sociedade eram tomadas como simultaneamente socioculturais e biológicas, seguia-se o raciocínio de que a livre reprodução social levaria progressivamente à degeneração das sociedades. Da maneira que os “estratos superiores” estavam em desvantagem relativa no processo de transmissão hereditária de seus caracteres superiores – por exemplo, os coeficientes de inteligência (QI) – era preciso

regular cientificamente a transmissão de tais caracteres. Este é justamente o objetivo da ciência eugênica.

Assim foram produzidas experiências que buscaram solucionar as desigualdades sociais ou eliminar as chamadas taras ou deficiências físicas e morais por meio do controle sobre

(...) desde o alvorecer do século XX, países europeus e americanos implantaram programas de eugenia tendo em vista a melhoria das suas sociedades.

a qualidade racial das populações. Isto implicou tanto o controle da reprodução humana, separando os grupos e proibindo casamentos inter-raciais, quanto a eliminação de grupos supostamente responsáveis pela transmissão de caracteres indesejados. Assim, desde o alvorecer do século XX, países europeus e americanos implantaram programas de eugenia tendo em vista a melhoria das suas sociedades.

Os EUA foram os iniciadores das pesquisas práticas e das políticas governamentais eugenistas, com o foco em negros e negras, migrantes da Europa Oriental, índios/as e brancos/as pobres. Mas nos anos 20 eles fomentaram também tais estudos fora do seu território, através de suas grandes Fundações de pesquisa, em países como Dinamarca, Noruega e Alemanha. Na Suíça, o alvo de tais políticas de purificação racial foram os ciganos; no Canadá, os indígenas e as famílias católicas de origem francesa; na Escandinávia, os lapões; na Itália, os trabalhadores de origem africana e árabe; na Austrália, na Nova Zelândia e na América Latina, os aborígenes e os indígenas.

A ascensão do nazismo na Alemanha dos anos 30 levou à monumental experiência de implementação de uma política eugênica por parte de um Estado moderno. O próprio núcleo ideológico do regime estava baseado na idéia de separação e melhoria da raça ariana que, supostamente, singularizava a população alemã. A principal característica do regime nazista foi dar forma oficial, obrigatória e sistemática, em moldes científicos e industriais,

A principal característica do regime nazista foi dar forma oficial, obrigatória e sistemática, em moldes científicos e industriais, às normas de separação, seleção e eliminação de indivíduos em função de determinados caracteres “naturais” tidos como desviantes (...)

às normas de separação, seleção e eliminação de indivíduos em função de determinados caracteres “naturais” tidos como desviantes: desde as minorias nacionais até as pessoas com déficit intelectual (consideradas doentes mentais); as pessoas com deficiências físicas (tidas como aleijadas); os/as homossexuais, judeus e judias, passando pelos/as artistas e escritores/as modernistas, identificados como responsáveis por uma arte degenerada.

Os elementos trabalhados até aqui favorecem que nos aproximemos mais de uma definição do racismo: o racismo é uma doutrina que afirma não só a existência das raças, mas também a superioridade natural e, portanto, hereditária, de umas sobre as outras. A atitude racista, por sua vez, é aquela que atribui qualidades aos indivíduos ou aos grupos

É importante notar que o “racismo” como atitude sobreviveu ao racialismo como teoria científica.

conforme o seu suposto pertencimento biológico a uma dessas diferentes raças e, portanto, de acordo com as suas supostas qualidades ou defeitos inatos e hereditários.

É importante notar que o “racismo” como atitude sobreviveu ao racialismo como teoria científica. Mesmo que não seja mais possível, do ponto de vista científico, falar em raças

humanas, é possível (e necessário) reconhecer a existência do racismo enquanto atitude. Ele pode traduzir etnocentrismos e justificar preconceitos, mas ele demarca fundamentalmente uma atitude que *naturaliza* uma situação social desigual, assim como um tratamento diferente a ser atribuído a indivíduos e a grupos diversos.

Se o etnocentrismo é um comportamento muito generalizado – e até mesmo tido como normal – de se reagir à diferença, privilegiando o seu próprio modo de vida em relação aos outros possíveis, o racismo, ao contrário, é uma forma de se usarem as diferenças como um modo de dominação. Primeiro, ele serviu para a dominação de um povo sobre os outros, depois, para a dominação de um grupo sobre o outro dentro de uma mesma sociedade.

(...) o que o racismo faz é usar as diferenças para naturalizar as desigualdades

Dessa forma, o racismo não é apenas uma reação ao outro, mas uma maneira de subordinar o outro.

O arco histórico feito até chegarmos a esta definição tem também outro objetivo que é importante evidenciar: o racismo tem uma história, que é tipicamente ocidental e moderna e diz respeito às relações de saber e poder que

se estabeleceram tanto internamente à população europeia, quanto entre as sociedades europeias ou europeizadas e uma grande variedade de outras sociedades e povos. Em ambos os casos, o que o racismo faz é usar as diferenças para naturalizar as desigualdades.

GLOSSÁRIO

Arte degenerada: Designação que os regimes fascistas e nazistas, surgidos na primeira metade do século XX, atribuíam à Arte Moderna, marcada pelo desejo de ruptura com a estética tradicional, academicista, por isso, desconstruidora do perspectivismo renascentista, do figurativismo e largamente inspirada em temas proibidos e nas artes não-ocidentais, como a africana.

Ciência eugênica: Aqui nos referimos à ciência implantada no século XX que pretendia regular a transmissão hereditária de caracteres de diferentes estratos sociais, o que implicava o controle da reprodução humana, a proibição de casamentos inter-raciais e a eliminação de grupos supostamente responsáveis pela transmissão de caracteres indesejáveis.

Etnocentrismo: Termo forjado pela antropologia para descrever o *sentimento genérico* das pessoas que preferem o modo de vida do seu próprio grupo social ou cultural ao de outros. O termo, em princípio, não descreve necessariamente atitudes negativas em relação aos outros, mas uma *visão de mundo* na qual o centro de todos

os valores é o próprio grupo a que o indivíduo pertence. Porém, como a partir desta perspectiva todos os outros grupos ou as atitudes individuais são avaliados tendo em vista os valores do seu próprio grupo, isto pode gerar posições ou ações de intolerância.

Eugenia: ciência ou conjunto de técnicas que tem por objetivo melhorar as qualidades físicas e morais das gerações futuras, principalmente por meio do controle dos casamentos e de uma série de ações sociais, policiais e clínicas necessárias a esse controle. Recentemente, a eugenia foi reforçada pelos avanços da genética e da possibilidade de manipulação das técnicas de reprodução humana.

Etnologia: Ciência que se dedica ao estudo social e cultural dos povos não-ocidentais, ou povos tradicionais.

Linhagem: Linha de parentesco que estabelece um vínculo contínuo de descendência entre pessoas de várias gerações. Tal linha de parentesco, também conhecida como genealogia, pode ser biológica ou imaginária, podendo servir para a identificação de um grupo restrito de parentes ou de amplos grupos sociais que se atribuem uma mesma ascendência ou estirpe.

Narcisismo: O termo narcisismo tem origem na Mitologia Grega, na narrativa sobre Narciso, um jovem muito bonito que desprezou o amor de Eco e, por este motivo, foi condenado a apaixonar-se por sua própria imagem espelhada na água. Este amor levou-o à morte, afogado em seu reflexo. A partir deste mito, narcisismo passou a significar a tendência “doentia” de os indivíduos alimentarem paixão por si mesmos.

Preconceito: Qualquer atitude negativa em relação a uma pessoa ou a um grupo social que derive de uma idéia preconcebida sobre tal pessoa ou grupo. É possível então dizer que a atitude preconceituosa está baseada não em uma opinião adquirida com a experiência, mas em generalizações que advêm de estereótipos.

Racismo: É uma doutrina que afirma não só a existência das raças, mas também a superioridade natural e, portanto, hereditária, de umas sobre as outras. A atitude racista, por sua vez, é aquela que atribui qualidades aos indivíduos ou aos grupos conforme o seu suposto pertencimento biológico a uma dessas diferentes raças, portanto, de acordo com as suas supostas qualidades ou defeitos inatos e hereditários.